

## SARTRE E MARX - LIBERDADE, TRABALHO E LUTA DE CLASSES

Sartre and marx - freedom, work and class struggle

Fernando **SARTI FERREIRA** (Estudante de História (USP), São Paulo, Brasil)

Que papel cumprem no desenvolvimento histórico os indivíduos? Quais são as limitações de ação dos atores ou agentes históricos? Como a história interfere na chamada “vida cotidiana” ou cultural? Os processos sociais globais como determinantes das realidades históricas vêm sendo questionados desde o pós-guerra e, assim, originando correntes e projetos historiográficos que valorizam a chamada “micro história”. Estas correntes de estudo pressupunham um alto grau de autonomia dos indivíduos à frente do que tradicionalmente foi chamado de “condicionantes históricos”: ideologias, mentalidades, Estado, fatores econômicos e outros fenômenos que alcançavam as formações sociais de maneira mais geral.

Um dos principais alvos destas críticas, tanto por questões epistemológicas como políticas, foi, sem dúvida, o materialismo histórico. A ideia da relação entre infra estruturas determinantes e superestruturas conjunturais que limitariam a ação dos homens não lograva mais explicar muitos fenômenos históricos e sociais, dos mais globais até os mais particulares. O descobrimento de novos atores sociais que não necessariamente atuam segundo seus interesses básicos de classe, assim como as complexas redes relacionais, seriam a prova de quão distante e redutor da realidade seria o materialismo histórico.

O pano de fundo político deste debate é muito conhecido. A decadência do estalinismo, o êxito do Welfare State e as revoluções dos anos 60 fizeram emergir um tecido social muito mais complexo que a dicotomia proletariado burguesia. A pluralidade das reivindicações e dos sujeitos que buscavam a emancipação social pareciam deslegitimar a ideia de que tal emancipação passaria pelo conflito de classes ou por transformações no modo de produção. Esta crítica ganhou mais força com o colapso da União Soviética. Como explicar operários e sindicalistas fazendo greves contra as repúblicas populares do leste europeu? Parecia não haver mais espaço para os esquemas globais ou totalizadores da realidade de análise histórica, ainda mais de matriz marxista.

Os ciclos de reprodução do capital são acompanhados de transformações muitas vezes drásticas das formações sociais. Por mais repetitivo que seja, é justo nessa altura recuperar os efeitos produzidos por tais transformações do século XVII ao XIX narrados no capítulo XXIV de “O Capital”. O pós-guerra não foi distinto. É muito interessante que, justamente em um período de grande revolução dos meios de produção capitalista, atingindo níveis de complexidade nunca antes vistos (a transnacionalização do capital depois de Bretton Woods), apareçam aqueles que projetam as relações do presente no passado e as eternizam. Assim como os liberais do XVIII e XIX criaram o mito do “selvagem barganhador” -ou seja, que a natureza humana seria dotada de um ímpeto de fazer comércio e obter lucros desde tempos edênicos – muitos pensadores do pós-Hiroshima aparecem como candidatos a parir o “selvagem pluralista”. Seria, como nos diz Todorov, mais uma falta de comunicação do que a busca pelo ouro o responsável pelo massacre indígena na América? Foi Hernan Cortés o fundador da antropologia?

Não se trata de negar os progressos obtidos por estas investigações em microescala, tão pouco de defender todas as correntes marxistas atacadas por estas pesquisas. O que propomos



Jean Paul Satre

é a busca de abordagens que tenham como paradigma os processos globais de transformação, mas que, ao mesmo tempo, açambarquem o complexo e singular mundo das relações em microescala. Algumas considerações do filósofo Jean Paul Sartre, assim como de Marx, podem nos ajudar nesta investigação.

## **Liberdade e trabalho: aspectos do conteúdo da existência humana.**

A liberdade humana é o principal objeto em relação a discussão sobre autonomia ou determinação dos agentes históricos. Sartre irá dividir esta discussão entre dois pontos de vista orgânicos e antagônicos: os adversários e os partidários da liberdade humana. A clivagem do debate se dá entre aqueles que acreditam no livre arbítrio, “que partindo de toda posição ocupada no presente, se oferecem para minha eleição uma infinidade de outros sítios” e aqueles que crêem na absoluta determinação do meio, que “insistem sobre o fato de que uma infinidade de lugares me são negados pelo fato de que os objetos se apresentam à minha pessoa um aspecto que não escolhi e que é excludente de todos os demais”<sup>1</sup>. Ou o homem é eternamente determinado ou eternamente livre.

Estas duas concepções apresentam limitações de grande importância. Se o homem é totalmente livre, resulta que ele estaria como que voando pelo mundo e não estabeleceria nenhuma relação com o que Sartre chama de “coeficientes de adversidade”, ou seja, os objetos que são definidos por não ser o que eu sou e que se apresentam em relação às minhas projeções como obstáculos ou auxiliares. A total determinação do homem pelo o que ele não é teria como resultado um sujeito alheio de sua própria existência.

O “coeficiente de adversidade” - ou seja, o impedimento que as coisas que eu não sou exerce nas minhas projeções - somente surgem pela postulação prévia de um fim por nós. As coisas esperam ser iluminadas por um fim e somente assim podem ser compreendidas como obstáculos ou como auxiliares. A ordem do existente é indispensável para o exercício da liberdade: sem o compromisso com o que existe - seja como obstáculo, seja como auxílio a minha projeção - as categorias de liberdade, determinação e necessidade perdem o sentido. Uma montanha somente será um obstáculo se eu intento escalá-la; ao contrário, pode ser para mim somente um objeto de admiração, ou mesmo indiferente, sempre de acordo aos meus projetos. O que definirá alguém ou algum grupo em uma situação histórica serão as possibilidades e impossibilidades de realizar os projetos e necessidades segundo suas aspirações.

A liberdade caracterizada assim, como componente da práxis humana, é um elemento a mais pela qual poderíamos interpretar a ação dos homens na história. Esta definição de liberdade feita por Sartre é muito semelhante a definição de trabalho feita por Marx.

No quinto capítulo de “O Capital”, Marx se detém e reflete sobre a natureza do trabalho. Define o trabalho como uma das características exclusivamente humanas e, assim, como uma das principais diferenças entre os homens e os animais. O trabalho é um processo realizado entre o homem e a natureza pelo qual, por meio da razão, ele intervém nela para criar ferramentas úteis a sua manutenção e reprodução. Diz Marx “O processo de trabalho (...) é a atividade com o fim de produzir valores de uso [portanto, uma projeção frente ao mundo], é a apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, é condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma de vida humana, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas”<sup>2</sup>. O trabalho, ou seja, a apropriação da natureza para satisfazer nossas necessidades, é parte do conteúdo da existência humana. Deste conteúdo desdobram-se as múltiplas formas pelas quais os homens organizam sua existência, todas elas históricas e mutáveis.

Alguns marxismos podem derivar o determinismo econômico no desenvolvimento da história pela centralidade ontológica do conceito de trabalho para a existência humana. É necessário ressaltar, como nos diz o próprio Marx, que o trabalho é uma parte da existência humana e não sua totalidade. O trabalho é tratado no livro I de “O Capital” como uma categoria

todavia muito abstrata. Não é o trabalho conteúdo total da existência humana, senão uma parte, o que torna possível aproximar o conceito de liberdade de Sartre e o de trabalho em Marx, considerando a análise do francês como uma tentativa mais concreta de compreender as relações entre os homens e destes com a natureza.

## **O problema das classes sociais**

Como é de notório conhecimento, Marx não terminou sua principal obra. “O Capital” se encerra repentinamente e de forma lacônica no LIIº capítulo intitulado de “As classes”. Observemos a primeira frase: “Os proprietários de mera força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários da terra, cujas respectivas fontes de rendimento são o salário, o lucro e a renda fundiária, portanto, assalariados, capitalistas e proprietários da terra, constituem as três grandes classes da sociedade moderna, que se baseia no modo de produção capitalista”<sup>3</sup>.

As classes sociais são a síntese concreta das relações sociais engendradas entre indivíduos historicamente determinados. As chamadas “três grandes classes”, do ponto de vista do materialismo dialético - uma reconstrução progressiva do concreto operada a partir de suas determinações abstratas mais simples - são as categorias mais básicas e abstratas destas relações sociais.

Uma análise marxista e que esteja baseada principalmente nestas determinações abstratas mais simples pertencem ao que Sartre chama de “marxismo idealista”, uma postura que leva as ferramentas de análises marxistas a um sentido oposto ao que elas se propõem: conhecer o mundo para transformá-lo. Segundo Sartre existem duas formas distintas de se chegar ao idealismo: diluir todo o real na subjetividade ou negar toda a subjetividade em benefício da objetividade<sup>4</sup>. Pelo “marxismo idealista” o homem seria totalmente determinado, seria uma soma de condicionantes que estariam mais além de sua vontade.

Sartre desenvolve seu método “Regressivo-Progressivo” de análise a partir da famosa frase de Engels “Os homens fazem a história por eles mesmos, em um meio dado que lhes condiciona”. Seu método consiste em analisar a relação dialética estabelecida entre os homens e os fatores de condicionamento histórico. Poderíamos, portanto, interpretar esta frase da seguinte maneira: são os homens que fazem a história a partir de condições anteriores a ele e não as condições que fazem a história. Os homens não são veículos de forças inumanas que os dirigem pelo mundo social, “porém se a história me escapa, a razão não é que eu não a faça; a razão é [que] o outro a faz também”<sup>5</sup>. A dinâmica social são conflitos entre projetos constituídos a partir de condições estabelecidas por homens do passado. Ou seja, os condicionantes históricos que parecem imobilizar os homens são frutos da própria ação dos homens na história.

É interessante como Engels, em uma carta enviada a Joseph Bloch no dia 22 de setembro de 1890, se expressa sobre o determinismo econômico: “Segundo a concepção materialista da história o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fato econômico é o único fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda [como Sartre havia dito, num marxismo idealista]. A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela - as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as constituições que, uma vez vencida uma batalha, a classe triunfante redige, etc, as formas jurídicas, e inclusive os reflexos que todas essas lutas reais no cérebro dos que nelas participam, as teorias políticas, jurídicas,

filosóficas, as ideias religiosas e o desenvolvimento ulterior que as leva a converter-se num sistema de dogmas - também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira predominante suas formas. Trata-se de um jogo recíproco de ações e reações entre todos esses fatores, no qual, através de toda uma infinita multidão de acasos (isto é, de coisas e acontecimentos cuja conexão interna é tão remota ou tão difícil de demonstrar que podemos considerá-la inexistente ou subestimá-la), acaba sempre por impor-se, como necessidade, o movimento econômico. Se não fosse assim, a aplicação da teoria a uma época histórica qualquer seria mais fácil que resolver uma simples equação do primeiro grau (...) a história se faz de tal maneira que o resultado final sempre é derivado dos conflitos entre muitas vontades individuais, cada uma das quais, a sua vez, é o que é por efeito de uma multidão de condições especiais de vida (...) um grupo infinito de paralelogramos, de forças, das quais surge uma resultante”<sup>6</sup>.

O método “Regressivo-Progressivo” seria um movimento duplo: busca-se conhecer o movimento e as características do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção (homem, ação, obra) para que se tenha o que Sartre chama de “o homem situado já em sua generalidade”. O progresso a partir deste ponto seria descobrir as estruturas mais originais do fato e determinar (situar) essa originalidade segundo as suas estruturas mais fundamentais. Assim, a causalidade não existe de forma absoluta, porém sempre mediada, pois se vive e se aprende o universal sempre de maneira particular. situação e coeficientes de adversidade

As estruturas de uma sociedade definem para cada um de nós uma situação objetiva que será o ponto de partida para a realização de nossa existência. Nesse sentido podemos afirmar que as análises em microescala superam algumas investigações do marxismo pois se propõem a analisar questões que estavam fora do alcance do “marxismo idealista” e iluminavam novos problemas sobre as dinâmicas sociais - luta de classes, por mais que não fossem colocadas nesses termos - de grande importância.

Fora do alcance porque o método de análise marxista é encarado - tanto por muitos de seus adeptos como por seus críticos - como uma visão extremamente determinista e portanto totalizadora da realidade humana. É equivocado tomar o marxismo como determinista pois é justamente a ferramenta de análise que prima e se baseia na práxis humana. E é totalizador - e isso é completamente distinto de determinista - porque mostra ser a realidade humana resultado das inúmeras práticas somadas - o grupo de infinitos projetos, dos “infinitos paralelogramos” que nos diz Engels.

O que uma escala ou outra nos demonstra são níveis distintos de apropriação do concreto. De uma macro escala - por exemplo, o sistema colonial no século XVIII - pode-se buscar uma situação totalmente singular - uma determinada revolta de escravos em alguma paróquia de Pernambuco no século XVIII. Sartre se utiliza de um exemplo para ilustrar seu método “Regressivo-Progressivo”: um jovem negro, mecânico da Força Aérea Britânica, trabalha em uma base consertando aviões. Existe uma norma desta Força Aérea que proíbe os negros de pilotarem aviões para ela. Sem nunca ter pilotado um avião, o jovem toma um aparelho e decola sem saber se irá sobreviver a esta aventura. Oras, o que teríamos aqui? Uma experiência de nível universal - racismo na Inglaterra, Imperialismo na África, etc - vivenciada e mediada de forma muito particular - um jovem que trabalha com aviões, é impedido de pilotá-los e padece de um grande desejo de fazê-lo. Algo muito semelhante pode ser visto no trabalho de Ginzburg “O queijo e os vermes”. Quando nos debruçamos sobre Menocchio, um pequeno moendeiro da pequena Firuli em sua briga com o clero regional, se aprende tantos os

desdobramento particulares - as redes relacionais desta região, o receio da população em delatar seu amigo, a assistência dos filhos - como as características mais globais - conflitos intra-classistas do Estado Veneziano, Reforma e Contra-Reforma, etc.

A investigação sobre as revoltas de escravos no Brasil é uma fonte muito interessante neste sentido. Por muito tempo desprezadas, as revoltas de escravos surgiram como material de investigação por alguns estudiosos que buscaram entender o verdadeiro papel histórico dos escravos. Merece ser ressaltado que, mesmo dentro de uma historiografia de esquerda, o escravo não era considerado como agente histórico ou muitas vezes como agente passivo (chegam a considerá-lo como Capital Fixo).

A pluralidade de motivações das revoltas são impressionantes. Os quilombos, símbolos de resistência dos negros contra a opressão branca, se mostraram articulados com a economia colonial por meio do comércio. No século XIX aparecem uma série de revoltas, muitas delas com alto grau de violência, com a reivindicação de que os trocassem de senhor. Alegando excessivo mal trato por parte de seus donos, os escravos ocupavam fazendas, as incendiavam e massacravam as famílias brancas que aí viviam para que fossem vendidos a outro senhor. Há diferença entre a luta desse sujeito passivo, quase reificado, em relação à luta econômica do proletariado -ai sim, sujeito revolucionário! - que foi hegemônica e dominou seus partidos e movimentos no século XX? É inegável que de uma forma ou de outra estão presentes nestas lutas elementos da macro escala -resistência a exploração do trabalho, questionamento do modo de produção - porém, como os próprios dados nos informam, tanto para escravos como operários, estas categorias mais gerais se mostram muito distantes dos fatos.

Quando nos aproximamos dos eventos - escravos que fogem e constroem unidades econômicas semelhantes as que o subjugam ou que não questionam sua própria situação nas relações de produção - as reações dos atores demonstram sua enorme complexidade, os “infinitos paralelogramos” que compõem o processo histórico e que dificilmente podem definir ontologicamente o papel de uma classe, assim como excluí-la totalmente de qualquer determinação histórica.

### **“A morte do dualismo de classes”: algumas reflexões**

Depois destas considerações, voltemos a outro problema levantado no principio do texto: ascensão dos estudos em micro escala associados às transformações sofridas pelo modo de produção capitalista no século XX. Decretar o fim do dualismo de classes não tem que estar associado diretamente à negação da existência das relações de exploração e dominação baseadas na extração de mais-trabalho. Assim, para compreender os desdobramentos resultantes da evolução do modo de produção capitalista, traduzidos politicamente em novas modalidades de reivindicação, se não podemos nos aferrar rigidamente a conceitualização das clivagens sociais ditas “clássicas” do marxismo, também não podemos abrir mão de novos ângulos de análise. O que propomos é colocar a questão em outra dimensão.

O desenvolvimento das técnicas destinadas à produção de mercadorias, ou seja, para extração do mais trabalho, leva a uma transformação qualitativa na composição orgânica do capital. Em um primeiro momento do desenvolvimento capitalista a proeminência de sua parte variável, a saber, dos trabalhadores, a divisão de classes - as três grandes classes - é mais clara. O que comem, o que vestem, o que fazem, é totalmente diferente e por muitas vezes sinalizam sua própria identidade de classe. Em um segundo momento, quando a parte fixa - maquinaria e outros acessórios da produção - começa a ganhar maior importância na composição orgânica

do capital, a grande diversificação da produção leva a uma maior heterogeneidade dos processos de trabalho e, conseqüentemente, a situação material -lugar objetivo- dos operários. Um dos primeiros sintomas, podemos lembrar aqui, é o surgimento das aristocracias operárias identificado por Lênin – não a toa em uma etapa superior de capitalismo.

Em “Questão de método” Sartre afirma que uma das formas para definir o lugar específico em que o homem se encontra na sociedade é por meio dos coeficientes de adversidade que se apresentam frente às minhas projeções e que podem obstruí-las ou auxiliá-las. Assim, em uma sociedade caracterizada pela divisão do trabalho e pela divisão por classes, grande parte das pessoas podem se situar de maneira negativa: alguém é camponês na Idade Média por não poder trabalhar todo o tempo somente em sua terra. Algumas possibilidades de realização de projetos que existem dentro na sociedade são negadas a determinados indivíduos por questões referentes à organização social.

Porém, a heterogeneidade dos processos de trabalho, associados a massificação dos bens de consumo duráveis, operou uma grande transformação nas possibilidades dos indivíduos se situarem. O acesso à casa própria transformou a defesa da propriedade privada como plataforma política das mais distintas -e muitas vezes oprimidas - classes sociais<sup>7</sup>; o acesso aos televisores, telefones celulares e diversos aparelhos eletroeletrônicos transformam a paisagem de um lar burguês em algo muito mais próximo e tangível. Os antagonismos de classe foram diluídos em uma homogeneidade de produtos de consumo, tornando a identificação de classe um exercício muito mais complexo: são inúmeras as campanhas de operários estadunidenses de boicote a produtos manufaturados nos países pobres, não pela má condição em que se encontram os trabalhadores destes países, mas sim pela baixa nos salários estadunidenses que provocam estes produtos.

A alta tecnificação da produção cria outro fenômeno de grande importância para compreender as dinâmicas de classe na sociedade contemporânea. “O conjunto da massa de mercadorias, o produto global, tanto a parte que representa que substitui [repõem] o capital constante e o variável, quanto a que representa a mais-valia, precisa ser vendido. Se isso acontece ou só acontece em parte ou só a preços que abaixo dos preços de produção, então o trabalhador é certamente explorado, mas sua exploração não se realiza enquanto tal para o capitalista (...) As condições de exploração direta e as de sua realização não são idênticas. Divergem não só no tempo e no espaço, mas também conceitualmente [estão situadas em locais distintos]”<sup>8</sup> Quando se chega a um nível de produção super desenvolvido se faz imperativo o desenvolvimento similar das redes de troca. O tempo de circulação de uma mercadoria constitui-se no que Marx chama de “faux fairs (custo falso) da produção”<sup>9</sup>. É um custo imprescindível para realizar o circuito de valorização do capital, porém que não gera mais-valor. A ascensão do chamado “terceiro setor” (ou setor de serviços) é o fenômeno de maior evidência na transformação das formações sociais<sup>10</sup>. Um grande número de indivíduos que até então eram necessários na esfera da produção pôde ser transportado para a esfera da circulação, sem que houvesse prejuízo - ou mesmo como condição necessária - para a realização da acumulação. Crescem os serviços de entrega, os serviços de venda por telefone, o desenvolvimento da atenção ao público ou mesmo a publicidade. É também fenômeno da complexificação da produção a proletarização de profissionais “liberais”: arquitetos, médicos, professores, advogados etc<sup>11</sup>.

Para uma produção crescente em volume e velocidade, torna-se necessário o concomitante crescimento da capacidade de circulação, pois quanto menor o tempo em que a mercadoria cumpra seu circuito de realização, mais rápido será o processo de valorização do

capital. O que se opera a partir daí é que um maior número de trabalhadores passa a se identificar muito mais como consumidores de mercadorias que como produtores. A ascensão dos “direitos do consumidor” obedece ao descenso dos direitos trabalhistas sem que os conteúdos da relação de exploração tenham se modificado.

Outra característica marcante, além do maior acesso aos bens materiais por parte dos trabalhadores, é a capitalização de uma série de atividades ainda não exploradas pelo capital. É surpreendente a capacidade de transformar tempos e espaços não capitalistas - como o tempo de ócio - ou mesmo potencialmente anticapitalistas - como os sindicatos, conselhos de fábrica, movimentos gay, negro e feminino - em formas diretas ou acessórias de reprodução do capital. Os enclausures nunca terminaram e parecem não terminar nunca. Adorno<sup>12</sup> chama a atenção para o fato de que, além da obrigação de ter e ser socialmente classificado por uma profissão, nos tempos de ócio também se exige uma profissionalização: o conhecido hobby. A mercantilização de espaços vazios, ou seja, de não trabalho, são recheados por atividades que, além de gerar valor, são utilizadas para moldar determinados tipos de subjetividade. A fragmentação operada aí subverte o ócio, tempo por excelência de sociabilidades alternativas ao regime de trabalho. Ou melhor, quantos de seus colegas do futebol estariam com você na tomada do Palácio de Inverno? E tão variável como pode ser a oferta de frutas no supermercado são as subjetividades e símbolos de identificação de grupo. Muitas vezes esses grupos identitários agora mercantilizados foram expressões de contestação da ordem rapidamente digeridos pela indústria e transformados em produtos de consumo massivo. A própria cultura popular (ou subalterna), lugar das principais manifestações contra o status quo, quando adentram os circuitos de acumulação escapam de seus criadores e muitas vezes se tornam mesmo hostis a eles. E é por esta cultura popular cristalizada, “oficial”, que as classes dominantes desprestigiam, denigrem e criminalizam as novas subjetividades e produções culturais. Cristalizam o que é a cultura popular -às vezes de maneira muito lírica e travestida de comprometimento político - e tentam, desta maneira, travar o movimento subterrâneo, espontâneo e dialético que constrói as verdadeiras identidades e que nunca cessam.

A grande autonomia dos grupos sociais reivindicada hoje em dia a despeito das identidades de classe é fruto do desenvolvimento do próprio conflito de classes - plagiando, uma fase superior desse conflito. A heterogeneidade dos processos de trabalho, fruto direto do desenvolvimento técnico, a maior dissociação entre trabalhador e produto operada pelo maior acesso a mercadorias, o preenchimento dos espaços vazios e de ócio por processos que, além de valorizarem o capital, tornam-se os principais pontos identitários da sociedade são as principais características dessa fase. A autonomia de grupos e indivíduos frente aos grandes processos globais e que há pouco tempo significavam emancipação social, se transformaram em oportunidades de negócios para um capitalismo cada vez mais dinâmico e grande ferramenta para desagregação social. Não se pode crer que por isso as relações de dominação que constituem os processos globais da sociedade tenham se extinguido ou sido superadas, pois são elas mesmas que engendraram essa fragmentação. Tão pouco que a regressão e apego as categorias do “marxismo idealista” sejam recuperadas. Como dizia Marx “A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática”<sup>13</sup>. Ambos os campos de idealismos-misticismos que discutimos aqui não fazem mais do que interpretar o mundo de formas aparentemente diferentes e frente aos novos paradigmas da luta de classe mostram seus limites como ferramentas interpretativas. O método “Regressivo Progressivo” é apenas uma das ferramentas que devem ser revisitadas, discutidas e atualizadas.



## NOTAS

- 1 - SARTRE, Jean-Paul, “El ser y La Nada”, 1972, pg. 92.
- 2 - MARX, Karl, “O Capital”, Livro I, Vol. I, capítulo V, 1988. pgs. 142-148.
- 3 - MARX, Karl, “O Capital”, Livro III, vol. V, 1988, pg. 297.
- 4 - SARTRE, Jean Paul, “Cuestión de Método”, in “Critica a la Razón Dialéctica”, 1979, pp. 38-39.
- 5 - SARTRE, ibid., pg. 76.
- 6 - ENGELS, Friederich, MARX, Karl. “Engels a Joseph Bloch, 22/9/1890”, in “Obras Escogidas”, 1974, pp. 514515.
- 7 - É interessante notar a clivagem que existe em alguns bairros entre moradores de conjunto habitacional e moradores de favela. Principalmente quando o fato de viverem em um e não em outra muitas vezes é resultado de sorteio entre membros de uma mesma comunidade.
- 8 - MARX, livro III, vol. V, pg. 176. Capítulo XIV, 1988.
- 9 - MARX, livro II, vol. III pg. 91. Capítulo VI, 1988.
- 10 - Francisco de Oliveira, ao se contrapor à tese de Maria Tavares da Conceição e José Serra de uma distribuição de renda que beneficiou os setores médios da sociedade, aponta o fortalecimento da classe média durante a ditadura militar brasileira justamente pela transformação qualitativa da indústria brasileira, ou seja, por novas características da acumulação de capital e não por uma distribuição renda. O setor médio se fortalece unicamente pelas novas exigências da acumulação.
- 11 - Se produzem ou não mais-valor não cabe aqui discutir. Mas sim, não controlam seu tempo de trabalho e são estritamente necessários para a realização da mais-valia. Sendo a realização apenas um momento distinto da produção, podemos pensar estas profissões, senão produtoras diretas, mas necessárias para a produção do maisvalor.
- 12 - ADORNO, Theodoro “Palavras e sinais, modelos críticos”, pp. 70-82.
- 13 - MARX, Karl, “Teses sobre Feuerbach”, in “Marx & Engels: obras escolhidas”, 1963, pg. 210.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodoro. “Palavras e sinais, modelos críticos”, Petrópolis, Vozes, 1995.
- ENGELS, Friederich; MARX, Karl, “Teses sobre Feuerbach”, in “Marx & Engels: obras escolhidas”, Editora Vitória, Rio de Janeiro, 1963
- “Engels a Joseph Bloch, 22/9/1890”, in “Obras Escogidas”, tomo III, Editorial Progreso, Moscú, 1974.

# MOURO

ISSN 2175-4837

MARX, Karl. "O Capital", Livros I e II, vol. I, II, III, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1988.

SARTRE, Jean Paul. "Cuestión de Método", in "Crítica a la Razón Dialéctica", Editorial Losadas, 3ª Edición, Buenos Aires, 1979.

-----.. "El ser y La Nada", editorial Losadas, 2ª Edición, Buenos Aires, 1972.

-----.. "Marxismo y Existencialismo", Editorial Sur, Buenos Aires, 1963.